

7

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. Santo Agostinho. In: **História da Filosofia**. Trad. Antônio Borges Coelho. Vol. II. Lisboa: Editorial Presença, 1969.
- AGOSTINHO, S. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulinas, 1991.
- _____. **De Magistro**, Edit. Abril, Coleção Os Pensadores, 1973.
- _____. **Confissões**. Edit. Abril, Coleção Os Pensadores, 1973.
- _____. La Trinidad. In: **Obras Completas de San Agustín**, vol. V, Coleção Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid: Gredos, 1985.
- _____. **A Trindade**. [Trad. do original latino e introd. Augustinho Belmonte; rev. Nair de Assis Oliveira]. São Paulo: Paulus, 1984.
- AQUINO, Tomás de. Fragmentos selecionados de Summa Theologica. In: **The Online Books Page**, disponível em <<http://onlinebooks.library.upenn.edu/>>
- ARISTOTELES. Tratado da Interpretação. In ANGIONI, Lucas: (seleção, tradução e comentários) **Ontologia e predicção em Aristóteles**. Campinas: Unicamp, 2000.
- _____. **Arte Retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: edições de Ouro, 1969.
- ARROJO, Rosemary e RAJAGOPALAN, Kanavillil. A noção de literalidade: metáfora primordial. In ARROJO, Rosemary (org.). **O signo desconstruído**. São Paulo: Pontes, 1992, pp. 47-55.
- BONI, Luís A. De. **Lógica e linguagem na Idade Média**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. (Coleção Filosofia, 23)

- DERRIDA, Jacques. A mitologia branca. In: **As margens da filosofia**. São Paulo: Papirus, 1991.
- ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Metáfora. In **Enciclopédia Enaudi**, v.31, Signo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994.
- FURTADO, A. **A metafísica da linguagem no De Magistro de Santo Agostinho**. Rio de Janeiro: 2005. Dissertação de mestrado, Puc-Rio, 2005.
- FORMENT EUDALDO, **El problema del Cogito en San Agustín**: Augustinus, 34 (1989), pp.55-83.
- GILSON, E. H. **Introduction à l'étude de Saint Augustin**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin: Paris, 1943
- _____. **Études Augustiennes**. Paris: Aubier, Montaigne, 1953.
- HARRIS, Roy ; TAYLOR, Talbot. **Landmarks in Linguistic Thought : The Western tradition from Sócrates to Saussure**. London and New York: Routledge, 1989.
- HORN, Christoph. Agostinho: Teoria Lingüística dos Sinais. In: **Veritas**, 1, Porto Alegre, (2006) p.5-17.
- LASA C. D., **Interioridad y palabra em San Agustín de Hipona**, Augustinus: 46, 2001. pp. 55-83
- LERMEN, G.A. **A filosofia de linguagem de Santo Agostinho**. Recife: 1990. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1990.
- MARTINS, H. F. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F. & BENTES, Anna Christina. (Org.). **Introdução à Lingüística - Fundamentos Epistemológicos**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 439-473.
- MUNOZ, V.P. **Introducción à la síntesis de San Augustín**. Romae: Apud Aedes Universitatis Gregorianae, 1945.
- NACCRATO, M. **Dois modelos epistemológicos: platonismo agostiniano e aristotelismo tomista**. vol. 28: Síntese. Belo horizonte, 2001.

- NAVARRO GIRÓN, María Ángeles. **Filosofía del lenguaje en San Agustín.** Madrid: Editorial Revista Agustiniana, 2000.
- NEIRA RODRÍGUEZ T., **Intelección y lenguaje en San Agustín,** Augustinus, 18 (1973), pp.145-156.
- NEIVA, E. Vontade e contrato social em Santo Agostinho. **Alceu**, vol. VI. nº12, pp. 170-209.
- NIETZSCHE, Friedrich. Curso de retórica. Trad. de Thelma Lessa da Fonseca. In **Cadernos de Tradução da USP**, número 4, São Paulo: Edusp, 1999.
- _____ “**Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**”. In: Obras incompletas. Seleção de textos de Gerard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- PAVIANI, Jayme. “**A linguagem além da linguagem: notas sobre o De Magistro de Santo Agostinho**”. In: BONI, Luís A. de (org.). *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. (Coleção Filosofia, 23), pp. 9-23.
- PLINVAL, G. **La pensée de Saint Augustin.** Paris: Bordes, 1984. pp. 95-109.
- NETO, Francisco B. de S. “**Augustinos, teología da trindade: conceitos, imagens, analogias**”. In : BONI, Luís A. de (org.). *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. (Coleção Filosofia, 23), p.55-45.
- QUINTILIANO, Deise. “**A construção metafórica na dramaturgia sartriana**”. In: *Hipotesi*, revista de estudos literários, Juiz de Fora, v.5, 2001, p.25-35
- RINCÓN GONZÀLES, Alfonzo. **Signo e lenguaje en San Agustín.** Bogotá: Centro editorial, Universidad Nacional, 1992.
- RICOEUR, Paul. **A metáfora viva.** Trad. António M. Magalhães. Portugal: RÈS, Editora, 1983.
- SOUZA FILHO, D.M. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** 7ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- STRATHERN, P. **Santo Agostinho em 90 minutos.** Trad. Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- TRACY, D. “**Metáfora e religião: o caso dos textos cristãos**”. In: SACKS, S. *Da Metáfora*. Trad. Franciscus W.A.M Van de Wiel. et. al. São Paulo: Pontes/ EDUC, 1992, pp. 95-109.
- VICO, Giambattista. **A ciência nova**. Trad., prefácio e notas de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Dados coletados

PASSAGENS SOBRE METÁFORA NO A DOUTRINA CRISTÃ:

LIVRO II: Sobre os sinais a serem interpretados nas Escrituras – Cap.

6: Utilidades das obscuridades da Bíblia:

- 1) “Os que lêem a Escritura inconsideradamente enganam-se com as múltiplas obscuridades e ambigüidades, tomando um sentido por outro. Nem chegam a encontrar, em algumas passagens, alguma interpretação. E assim, projetam sobre os textos obscuros as mais espessas trevas” (p.97)

- 2) “Não duvido que a obscuridade dos Livros Santos seja por disposição particular da Providência divina, para vencer o orgulho do homem pelo esforço e para prevenir seu espírito do fastio, que não poucas vezes sobrevém aos que trabalham com demasiada facilidade” (p.97)

- 3) “(...) Aí se diz para a igreja, louvando-a como uma bela mulher: ‘os teus dentes são como os rebanhos das ovelhas tosquiadas as subir do lavatório, todas com dois cordeirinhos gêmeos, e nenhuma estéril há entre elas’. Acaso, o fiel aprende aí outra coisa do que ouvira há pouco, expresso em termos bem despojados, sem o auxílio dessas comparações” (p.98)

- 4) “Mas, por qual razão parece-me mais agradável esta apresentação do que aquela proposta sem nenhuma comparação do gênero, tirada dos Livros santos? Ainda ao se tratar de um mesmo fato e de uma mesma idéia? É difícil explicar, essa é outra questão. Basta dizer que ninguém contesta o fato de se aprender mais espontaneamente qualquer coisa com a ajuda de comparações; e que se descobre com maior prazer as coisas que se procuram com mais dificuldade” (p.99)

- 5) “Com efeito, os signos são próprios ou figurados” (p.106)

- 6) “Ora, há duas causas da incompreensão do texto da Escritura. A verdade encontra-se oculta por signos desconhecidos ou por signos de sentido figurado”. (p.106)

7) “A respeito dos signos figurados, dissemos que quando alguns termos desconhecidos obrigam o leitor a vacilar, eles devem ser verificados, ou pelo estudo das línguas ou pelo conhecimento da natureza das coisas” (p.115)

Cap. 17: Conhecer a natureza das coisas

8) “a ignorância da natureza das coisas dificulta a interpretação das expressões figuradas, quando estas se referem aos animais, pedras plantas, ou outros seres citados freqüentemente nas escrituras e servindo como objeto de comparações” (p.117)

LIVRO III: SOBRE AS DIFICULDADES A SEREM DISSIPADAS NAS ESCRITURAS - Cap. 5: consequências de tomar expressões simbólicas ao pé da letra

9) “As ambigüidades devidas a termos figurados (...) exigem cuidado e aplicação pouco comuns. Antes de tudo, é preciso precaver-se de tomarem sentido literal uma expressão figurada. Entender um termo figurado como se fosse dito em sentido próprio é pensar de modo carnal. A respeito disso, lembramos a palavra do apóstolo: “A letra mata e o espírito vivifica” (2 Cor 3, 6)”

10) “Com efeito, um homem que segue só a letra toma como próprias as expressões metafóricas, e nem sabe dar a significação verdadeira ao que está escrito com palavras próprias” (p.165)

11) “Sob a servidão do sinal vivem quem faz ou venera uma coisa simbólica sem saber o que ela significa” (p.169)

12) “Ora, assim como o fato de se apegar materialmente á letra e aceitar os signos, em vez da realidade que significam, denota debilidade servil; do mesmo modo, interpretar vã e inutilmente os símbolos é próprio do erro licencioso” (p.170)

Cap. 10: reconhecimento das expressões figuradas

13) “ Ao lado da observação que fizemos de não tomar uma expressão figurada, isto é, metafórica, como expressões de sentido próprio, é preciso acrescentar também a de não tomar uma expressão de sentido próprio como figurado” (p.170)

- 14) “Logo, a primeira coisa a ser feita é demonstrar o modo de descobrimos se a expressão é própria ou figurada. Eis em uma palavra: tudo o que na palavra divina não puder se referir ao sentido próprio, nem à honestidade dos costumes, nem à verdade da fé, está dito que devemos tomar em sentido figurado. A honestidade da fé tem por fim o amor a Deus e ao próximo; a verdade da fé visa ao conhecimento de Deus e do próximo (...) (p.171)
- 15) “(...) quando a Escritura prescreve um ato que repugna ao hábito dos ouvintes, ou condena outro ato que eles admitem, logo os que têm o espírito submisso à autoridade do tempo consideram que haja aí uma locução”
- 16) “Ora, a Escritura não prescreve nada a não ser a caridade. Nada condena a não ser a concupiscência. E é por esse meio que ela forma os costumes dos homens” (p.171)
- 17) “Igualmente acontece que, quando o espírito já possui preconceitos e opiniões errôneas, qualquer outra opinião afirmada pela Escritura é considerada pelos homens como expressão figurada. Ora, a escritura só afirma a fé católica em todas as coisas passadas, futuras ou presentes. E todo esse ensino só tem uma finalidade: fortalecer a própria caridade e extinguir a estupidez” (p.171)
- 18) “Em consequência, tudo o que se lê de rigoroso e por assim dizer de duro nas palavras e nas ações postas nas santas Escrituras, por conta de Deus e de seus santos, tem por finalidade destruir o reino da concupiscência. Se o texto for claro, não é preciso relacioná-lo a outra coisa como se estivesse em sentido figurado” (p.173)
- 19) “Por certo, há nessas passagens alguns termos empregados metaforicamente como a ‘ira de Deus’ e “crucificaram a carne”. Mas não são tão numerosas, e pelo modo como estão empregadas não chegam a esconder o sentido, nem a constituir alegoria ou enigma, ao que chamo propriamente de linguagem figurada” (p.173) força icônica – apresenta o pecado sobre a forma de seus traços mais características emprestam o significado de crucificaram representara carne o

sacrifício de refrear os desejos e as paixões do homem alegorizam o que chama de concupiscência.

19) “Devem ser tomadas como expressões figuradas as palavras e ações pretensamente consideradas pelos ignorantes como iniquidades em referência a Deus ou a homens, cuja santidade a própria Escritura recomenda. Essas palavras encerram segredos e ações que precisam ser esclarecidos para a preservação da caridade” (p.178)

Cap. 15: terceiro princípio: exaltar o triunfo do reino da caridade

20) “(...) eis a regra a ser observada nas expressões figuradas: é preciso examinar o que se lê com minuciosa atenção, até que a interpretação seja conduzida a esse fim: o reino da caridade. Mas caso a dita expressão já possuir diretamente esse sentido, não se pense, pois, que aí exista expressão de sentido figurado” (p.178)

Cap. 16: quarto princípio: tudo interpretar pelo critério da caridade

21) “se a escritura apresenta expressão que proíbe seja uma ignomínia, seja um delito; ou por outro lado, que ordene seja um ato de benevolência ou de utilidade, essa expressão não está em sentido figurado. Se, ao contrário, ela ordenar seja uma ignomínia, seja um delito, ou proibir seja um ato de benevolência, seja de utilidade, essa expressão está em sentido figurado” (p.178)

22) “A Escritura diz: ‘Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe água para beber’ (Pr 25,21). Tal prescrição, sem nenhuma dúvida, prescreve ato de benevolência. Mas o que se segue : ‘ Porque assim amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça’ (Pv. 25, 22; Rm 12, 20), parece que ordena ato de malevolência. Não hesites, pois, em dizer que aí está uma fórmula figurada. Poder-se-á, é verdade, dar dupla interpretação: está prescrito, por um lado, de causar dano, e por outro de prestar serviço. Entretanto, vale mais que, por caridade, prefiras a interpretação de benevolência” (p.179)

23) “Foi escrito: ‘Dá ao misericordioso e não protejas o pecador’ (Ecl. 12,4). A segunda parte desta frase ‘não protejas o pecador’ parece proibir a benevolência.

É para compreender que ‘pecador’ foi posto aí em sentido figurado, em lugar de ‘pecado’, e portanto está dito para não proteger a falta do pecador.” (p.179)

24) “ Se a Escritura apresenta expressão que proíbe seja uma ignomínia, seja um delito; ou por outro lado, que ordene seja um ao de benevolência ou de utilidade, essa expressão não está em sentido figurado” (p.179)

Cap. 24 – Princípio geral: discernir se a expressão é própria ou figurada

25) “ Portanto, o que mais nos interessa é investigar se a expressão que se deseja entender está em sentido próprio ou em sentido figurado. Quando se descobre que ela é figurada, torna-se fácil, graças às regras que expressamos no Livro I, ao tratar das coisas (*de rebus*), considerá-las por todos os lados até chegar a seu verdadeiro sentido. Isso será facilitado, quando, ao emprego de tais regras, o exercício da piedade vier dar maior força. Em conclusão, conhiceremos se uma expressão é própria ou figurada observando as regras anteriormente expostas” (p.186)

26) “Uma vez feita a descoberta, se uma expressão é ou não de sentido figurado, verificar-se-ão as palavras que a constituem: se foram tiradas de coisas possuidoras de sentido de sentido análogo, ou se relacionada por sentido próximo” (p.186)

27) “Essa variedade de sentidos, ao ser observada, apresenta-se sob duas formas: cada coisa pode significar algo diferente, de modo contrário, ou apenas de modo diverso. Por exemplo, é contrário, quando ou apenas de modo diverso. Por exemplo, é contrário, quando um só objeto é tomado analogicamente, ora para o bem ora para o mal. É o caso do fermento que acabamos de falar. Igualmente acontece com a palavra ‘leão’, que designa cristo na passagem em que está dito: ‘Eis que o leão da tribo de Judá venceu’ (Ap.5,5), e designa o demônio na passagem: ‘Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar’ (1Pd 5,8). Do mesmo modo, a palavra ‘serpente’ acha-se também em bom sentido em: ‘ Sede prudentes como as serpentes’ (Mt 10, 16), em mau sentido em : ‘ A serpente seduziu Eva por sua astúcia’ (2Cor 11, 3). O

pão é tomado em bom sentido em: ‘Eu sou o pão vivo descendido do céu’ (Jo 6, 51), e em mau sentido em : ‘O pão tomado às escondidas é mais gostoso’ (Pr 9, 17). Todas essas passagens citadas não têm nenhum significado duvidoso, pois dadas como exemplo não podem senão ser evidentes” (p.188)

28) “Há termos, porém, em que é incerto qual o sentido a ser tomado. È o caso deste versículo: ‘Na mão do Senhor há um cálice que contém vinho puro e cheio de (amarga mistura)’ (p.188)

PASSAGENS SOBRE METÁFORA COLETADAS EM *LA TRINIDAD* (A TRINDADE)

1) “Estas cosas han sido dichas a causa de aquella sentencia del Apóstol que dice: *Vemos ahora por um espejo.* Pero añade: *en enigmas;* y estol o desconocen muchos que ignoran las figuras de dición, denominando em griego tropos, palabra que ya há tomado carta de naturaleza em nuestro idioma” (*La Trinidad*, IX, 9,15)

2) “El Apóstol dice: *Lo que há sido dicho por alegoria,* traducen parafraseando: *Lo que se entiende de uma cosa por outra.* Muchas son las especies de estos tropos o alegorias, entre las cuales se cuenta el enigma. Es preciso que La definición genérica comprenda siempre todas sus especies; por consiguiente, así como todo caballo es un animal, mas no todo animal es um caballo, así todo enigma ES uma alegoria, pero no toda alegoria es um enigma.’

(*La Trinidad*, IX, 15)

3) “Enigma, para decirlo em dos palabras, Es uma alegoria obscura como lo es la expresión de los Proverbios: *Tres hijas tiene la sangui- juela,* y otras semejantes. Mas la alegoria del apóstol es real, no verbal, pues habla de los dos hijos de Abrahán, uno de la esclava y outro de la libre, lo que no es una palabra, sino um hecho, y Poe ellos quiso significar los dos Testamentos. Antes de la explicación, El texto es obscuro; por consiguiente, este nombre genérico de *alegoria* puede ser sustituido por el específico de *enigma.*” (*La Trinidad*, IX, 16)

4) “*Vemos ahora por um espejo, em enigma.* Cuanto a mí se me alcanza, por espejo quiso significar la imagen, y por enigma uma semejança obscura, difícil de percibir. Y así, em

los términos espejo y enigma puede entenderse uma semejanza cualquieira en El sentido del Apóstol, pero apropiada para conocer a Dios” (*La Trinidad*, IX, 16)

5) “Se denomina palabra de Dios , porque la doctrina que ensena ésta divina, no humana. Pero ahora pretendemos ver em esta imagem uma perfeita semejanza del Verbo de Dios, del cual se dijo: La Palabra era dios; de la cual se dijo: todas las cosas han sido creadas por El; del cual se dijo: La Palabra se hizo carne; de la cual se dijo: El Verbo de Dios es fuente de sabiduría en las alturas” “(*La Trinidad* XI, 20)